

e lexical, que a nossa edição visa respeitar, mantendo assim a integridade linguística de uma obra que é, também na língua, testemunho do seu lugar e tempo.

A PRESENTE EDIÇÃO

Dos dois códices manuscritos remanescentes que nos transmitem a lição da segunda versão d'O *Soldado Prático*, é o manuscrito n.º 463, que faz parte do acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa, aquele que é considerado como a lição mais próxima à última vontade do autor, dado ser parcialmente autógrafo e apresentar, em grande parte dos fragmentos não escritos por Couto, correcções e emendas da sua mão⁷⁹. É este manuscrito, portanto, que tomamos como base da nossa edição. O certo é que, apesar da revisão feita pelo próprio Diogo do Couto, o ms. 463 abunda em erros resultantes da cópia ou interpretação errónea do copista, provavelmente um secretário do cronista. Nos casos de dúvidas suscitadas pela lição do manuscrito base, recorreremos ao confronto com a edição do manuscrito A-1572 da Academia das Ciências de Lisboa, para comprovar se ele corrobora a respectiva lição do ms. 463, ou se, pelo contrário, se mostra divergente. No caso de optarmos pela lição da edição do ms. da Academia, indicamo-lo em nota de rodapé, após o termo *Acad.* Por exemplo:

²³⁵ *pera outra os bens de raiz: pera outra a raiz.*

Acad.: para outra os bens de raiz.

⁷⁹ O certo é que a maior parte das correcções feitas por Diogo do Couto se concentram na primeira parte da obra, reduzindo-se o número na segunda. Já na terceira parte, mais pequena, não aparece qualquer intervenção do autor.

Evitámos, contudo, o confronto generalizado das duas lições para não sobrecarregar em excesso o aparato crítico de notas de rodapé.

Embora o nosso intuito tenha sido o de respeitar ao máximo a lição do manuscrito, foi inevitável a intervenção destinada a garantir a inteligibilidade do texto, corrigindo as lições incorrectas que interpretámos como crasso erro de cópia por parte do copista. Assim, corrigimos *cuncobinários* por *concubinários*; *sinterem* por *sentirem*; *abazilados* por *abalizados*; *Madanela* por *Madalena*; *samaritaria* por *samaritana*; *no alma daria* por *amoldaria*; *nomedema* por *numidiana*; etc. Interviu também no texto naqueles casos de palavras que apresentavam uma forma muito diferente da actual e que não se justificavam como formas linguísticas epocais. Neste caso o nosso critério foi, todavia, o de comprovar se a palavra se repetia no texto, em cujo caso a respeitámos. Se a forma, no entanto, é de ocorrência única, decidimos actualizar e indicar em nota de rodapé a lição literal do ms. Assim, actualizamos *tirinizassem* em *tiranizassem*, *remitada* em *remetida*; *guiolata* em *galeota*; *fielidades* em *fealdades*; etc. O mesmo critério presidiu ao nosso tratamento dos nomes próprios: respeitamos a lição do ms. que dá conta de variantes dos antropónimos e topónimos que podiam ser habituais na época. No entanto, nos casos em que a divergência era tal que impedia a compreensão da personagem ou lugar referidos, além dos casos em que se trata de um evidente erro do copista, actualizamos o nome próprio mostrando em nota de rodapé a lição do ms. Assim, corrigimos *Balagate* em *Bagalate*; *Maurucio* em *Massúrio*; *Euprodesia* em *Eufrósina*; etc.

Como já dissemos, o texto revela um estado linguístico tipicamente quinhentista. Consideramos da maior relevância para a história da língua e cultura portuguesas editar os seus textos antigos e clássicos da maneira mais fiel e respeitosa dos seus traços linguísticos epocais. Neste sentido, mantivemos nesta edição todas aquelas formas linguísticas que considerámos próprias nos níveis fonético, morfossintáctico ou lexical, do português de finais do século XVI e inícios do século XVII. Actualizamos, no entanto, as variantes gráficas divergentes da norma actual quando interpretamos que não possuem qualquer relevância nos níveis linguísticos mencionados. Assim, respeitamos como formas epocais: 1. formas com redução de ditongos ante consoante palatal (*debaxo, paxão, dexar, bejo, baxeza*, etc.); 2. formas com ou sem *a-* inicial diferentes do uso moderno (*alevanta, ajuntar, desaventuras, apresentar*, etc.); 3. formas em que ainda não se processou a recuperação de grupos consonânticos cultos latinos (*acrecente, crescimento, nace, consciência*, etc.); 4. formas com os encontros vocálicos *ea* e *eo* (*recea, cheos, leam, veo, receo, passee*, etc.); 5. formas com timbre na vogal nasal diferente do uso moderno (*emperador, insinou, enventaram, infirmidades, interessados, enformações*, etc.); 6. formas com vacilação ou divergência de timbre na vogal oral relativamente ao uso moderno (*perigrinação, dereitos, Secília, mercimentos, Aristótilis, trebutos, melhor, Ecretura, Esparança, apetitos, cólora, rezão, amenhã, prepósito, valeroso, sacralégio*, etc.); 7. formas que apresentam metátese de *r* em relação à língua moderna (*perjuízo, particar, perjudiciais, tromentos, escúrpulo, presuadiu, estrovara*, etc.); 8. formas com aférese (*presentar, cometer*, etc.), epêntese (*alvítere, alpânderes, emburulhadas*, etc.), apó-

cope (*val*, etc.) ou síncope (*defrente, ofrecem, defrençavam, jurisdição*, etc.). Também no âmbito morfológico, o texto documenta formas desusadas ou antigas como *assi, lhe* com valor plural, *nhum, ãa, mor, si* por *sim, antre, mui, té, inda, des, dixé*, entre outras. No âmbito sintáctico, respeitamos as regências verbais características da língua antiga e clássica, como *ir a* + infinitivo, *ousar de, haver* + infinitivo, etc. Finalmente, mantivemos diferentes amálgamas frequentes no texto, como *té'gora, já'gora, s'eles*, etc., unindo os elementos amalgamados mediante ('). Como excepção a esta norma de fixação do texto, respeitosa com as variantes linguísticas epocais, decidimos actualizar umas poucas variantes morfológicas verbais que, embora características desta versão manuscrita, poderiam induzir à incompreensão do sentido do texto, indicando sempre em tais casos em nota de rodapé a lição constante do ms. Assim, actualizamos *poder* em *puder*, *podera* em *pudera*, *troxe* em *trouxe*, *poseram* em *puseram*, etc.

Foi também necessária a nossa intervenção no manuscrito para corrigir as múltiplas faltas de concordância que o caracterizam, mantendo, contudo, aqueles casos em que a falta de concordância não obstaculizava em excesso a compreensão do sentido do texto, por se tratar de um dos traços mais característicos do estilo do autor, e consequência do seu gosto pelo período muito extenso. Assim, em: *Mais: quer o feitor ou juiz de alfândega e todos os mais oficiais ir entrar em seus cargos; hão mister do governador as provisões, que se concederam aos mais, gastam muitos dias e muitos meses por casa do governador e do secretário sem ser respondidos* (Parte I, cena V), corrigimos *respondido* por *respondidos*. No entanto, mantivemos a falta de

concordância em casos como: *Pedem que ninguém possa mandar nau ou navio pera tal porto senão eles, como se o mar e navegação não fosse comum a todos* (Parte I, Cena V), onde *fosse* ocorre em lugar de *fossem*.

O nosso critério ao desdobrar as abreviaturas frequentes no ms. foi modernizar as formas abreviadas, problema que se colocava especialmente no caso das formas *plo, pla, plos, plas*, que igualmente podem corresponder a uma forma *pelo, pela, pelos, pelas* ou *polo, pola, polos, polas*, dado que ambas as contracções ocorrem no texto, assim como para a abreviatura *pra*, que tanto pode corresponder a *para* como a *pera*. Estatisticamente são mais frequentes no ms. as formas *pera* que *para* e *polo* que *pelo*, mas considerámos que o desdobramento das abreviaturas em favor das formas mais frequentes não deixava de ser uma forma de alterar o texto. Por isso, optámos por desdobrar actualizando em *pelo, pela, pelos, pelas*, e *para*, mas indicamos tratar-se de uma intervenção nossa, mostrando em itálico a letra desdobrada, isto é, ‘pelo’, ‘pela’, ‘pelos’, ‘pelas’ e ‘para’.

Relativamente à pontuação do texto, seguimos os critérios de pontuação vigentes na língua portuguesa actual. Contudo, e dado que a prosa de Couto se caracteriza pela justaposição *ad nauseam* de períodos coordenados e subordinados, que se encadeiam em torno a uma mesma ideia, decidimos respeitar o período longo, indicando as pausas entre os diferentes elementos coordenados e subordinados através do uso abundante de [;].

A edição d’*O Soldado Prático* que apresentamos é acompanhada de um aparato de notas de rodapé, apresentadas com numeração corrida árabe, de que nos servimos para:

1. Assinalar as variantes textuais constantes do ms., assim como outras incidências: rasuras, sobrescritos, repetições, ausências, formas escritas nas margens, etc. Neste caso, a lição constante do ms. é indicada em itálico, como: abalizados: *abazilados*.
2. Explicar referências históricas, geográficas ou literárias que considerámos úteis para a compreensão da obra. Evitamos, contudo, uma anotação excessivamente pesada e enciclopédica para não sobrecarregar o aparato de notas.
3. Explicar o significado de palavras ou expressões cuja dificuldade poderia impedir a compreensão do sentido do texto, introduzindo em tais casos a explicação entre aspas simples, como: biscatos: ‘obras de pouca importância, pequenos serviços’.

Finalmente, para resolver qualquer dúvida do leitor quanto à interpretação das formas linguísticas que caíram em desuso, incluímos no fim da edição um glossário com o levantamento de todas as formas divergentes do português moderno e a sua correspondência linguística actual. Quando uma forma divergente da língua moderna aparece no texto com diferente flexão de género e número (por exemplo, *cheo, chea, cheos*), incluímos a forma no glossário apenas em masculino singular: *cheo*. Igualmente, as formas verbais conjugadas em diferentes tempos (por exemplo *dexasse, dexou, dexa*, etc.), apresentam-se apenas na formas de infinitivo: *dexar*.